

## AS JUVENTUDES E A PAZ

*Elizangela Lima do Nascimento*

*Kelma Socorro Alves Lopes de Matos*

Este artigo compõe parte de um estudo realizado na dissertação de mestrado intitulada *Semeando Paz Nas Escolas do Bom Jardim: Estudo de Caso* no curso Jovens Agentes da Paz — JAP.<sup>1</sup> Nosso propósito foi, a partir da ótica das juventudes, refletir sobre a formação em cultura de paz realizada pela Organização Não Governamental (ONG) Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa — CDVHS,<sup>2</sup> em cinco escolas do Grande Bom Jardim. A formação possuía como objetivo central capacitar as juventudes em cultura de paz e direitos humanos, partindo de uma ótica formativa voltada para a ação e participação das jovens em todo o percurso do curso. Utilizamos, para a realização da pesquisa, do estudo de caso, com foco na formação, nos propondo essencialmente a ouvir as juventudes. (MATOS, 2001; ABRAMO, 1997). Buscamos, refletir so-

---

<sup>1</sup> O JAP é um projeto que possui como objetivo movimentar a juventude do Grande Bom Jardim. A proposta visa, através de uma abordagem reflexiva e dialógica, utilizar oficinas e principalmente círculos de paz, compreendendo o processo de formação em educação para a paz, construído junto aos sujeitos, motivando-os a reflexão para a ação crítica. Para a sua execução, organizaram uma formação que atendesse às necessidades da comunidade, para que os jovens pudessem diagnosticar quais dificuldades encontravam na escola e na comunidade, relacionadas à violência e a violação dos direitos humanos, e quais projetos em favor da paz poderiam ser executados por eles para possíveis mudanças no contexto em que estão inseridos.

<sup>2</sup> O Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) é uma Organização Não Governamental (ONG), sem fins econômicos, fundada em 1994, com o apoio do Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider. Sua criação é resultado de um processo de mobilização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Área Pastoral do Bom Jardim, com o apoio do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos Arquidiocesana de Fortaleza e dos Missionários Combonianos do Nordeste. (CDVHS, 2008).

bre o significado dessa experiência formadora para os jovens compreendendo-os, a partir de seus saberes, como “jovens reais, que têm preferências, sonhos e opiniões.” (MATOS, 2001, p.17). Para tanto, traçamos um percurso metodológico que nos possibilitasse colher e aprofundar a percepção dos jovens. Para a execução do estudo de caso, realizamos inicialmente uma pesquisa exploratória sobre o Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa — CDVHS, que coordena o projeto JAP — Jovens Agentes da Paz, seu histórico de criação e contextualização no bairro Bom Jardim.

Para coleta de dados, visando compreender a formação e o projeto JAP, entrevistamos dois formadores da ONG que atuavam diretamente no projeto. Realizamos ainda durante a etapa formativa do curso observação participante três encontros junto aos formadores e jovens coletando suas impressões sobre a trajetória da proposta. Fizemos dois grupos focais e três entrevistas com os jovens. O critério, escolhido para a escolha desses jovens foi a sua maior participação nas formações e o seu envolvimento com o projeto. Realizamos também pesquisa documental, para analisar as publicações da ONG e o material pedagógico do CEJUPAZ e ainda pesquisa bibliográfica tendo por referência básica Freire (1982), Matos (2001, 2003, 2006, 2010, 2011,), Jarés (2002 e 2007) e Rodríguez (2010). Após a coleta e a interpretação dos dados, optamos em acordo as escolas pesquisadas e aos jovens não divulgar o nome das instituições e dos entrevistados. Nomeamos as escolas de acordo com as flores que encontravam em seus jardins e os jovens escolheram seus próprios nomes. Solicitamos que imaginassem a seguinte situação: se pudessem ser sementes de que seriam? Assim escolheram seus pseudônimos. Esboçamos a seguir alguns resultados da pesquisa a

partir da percepção dos jovens, especificamente sobre a questão da cultura de paz.

## As Juventudes e a Cultura de Paz

Para iniciar nossa reflexão, buscamos verificar quais conceitos norteiam a proposta formativa do JAP. Consultando o *Manual do Centro de Juventude Pela Paz* — CEJUPAZ (RODRIGUES, 2010), que subsidia as ações pedagógicas do curso, veremos que o conceito de Cultura de Paz adotado pela proposta é o mesmo sugerido pela Organização das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A cultura de paz é um conjunto de princípios, atitudes, costumes, modos de comportamento e estilos de vida que se assentam: a) no respeito pela vida, no fim da violência e na prática da não violência, por meio da educação, do diálogo e da cooperação; b) no respeito profundo pelos princípios de soberania, integridade territorial e independência política dos estados e não intervenções em questões que, na sua essência, pertencem a jurisdição nacional de cada estado, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e com o direito internacional; c) no profundo respeito e na promoção dos direitos humanos e liberdades fundamentais; d) no empenho na resolução pacífica de conflitos; e) nos esforços destinados a satisfazer as necessidades ambientais e de desenvolvimento das gerações atuais e vindouras; f) no respeito e na promoção do direito ao desenvolvimento. (GUIMARAES, 2006).

Esse conceito foi publicado na *Declaração sobre uma Cultura de Paz*, em 1999. Em 1997, as Nações Unidas produziram o manifesto 2000 *Por Uma Cultura de Paz e Não Violência*, que propusera chamar atenção das pessoas do mundo todo para a disseminação da cultura de paz. O manifesto só foi publicado em março de 1999 e tinha como propostas principais:

Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa; Prática a não violência ativa; Compartilhar meu tempo e meus recursos materiais; Defender a liberdade de expressão e a liberdade cultural; Promover um consumo responsável; Contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade. (UNESCO, 2000).

Em 1998, as Nações Unidas promulgam o programa *Uma Década Pela Cultura de Paz e Não Violência Para as Crianças do Mundo* de 2000-2010, anunciando junto ao *Manifesto 2000*, a possibilidade de fomentar individual e coletivamente a prática da não violência, da tolerância, da justiça e do diálogo para solidariedade para uma cultura de paz (UNESCO, 2000).

Um ano depois, a UNESCO publicou o programa de ação para uma cultura de paz mundial (A/53/243) aprovado em assembleia das Nações Unidas, em 1999, que envolve oito áreas principais:

Educação por uma cultura de paz; Igualdade da mulher; Participação democrática; Desenvolvimento sustentável; Direitos humanos; Compreensão, tolerância, solidariedade, Livre circulação da informação e dos conhecimentos; Paz e segurança internacional. (ADAMS, 2007, p.64).

Buscando a origem do conceito de cultura de paz Ferro (2008) afirma que sua definição é relativamente nova. Essa denominação surgiu, inicialmente, no preâmbulo de criação da UNESCO, em 1946, quando declara que “posto que as guerras nasçam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens onde devem erigir-se os baluartes da paz.”

No relatório mundial de cultura de paz, publicado em 2007, identificamos que, para a UNESCO, o objetivo principal das ações relacionadas à paz, é estabelecer a “transformação



de uma cultura de guerra e violência numa cultura de paz e não violência.” (p.9), no sentido de que todo contexto de violência caracteriza a ausência de paz. A agência não tece reflexões profundas sobre o conceito de paz, contudo encontramos na *Declaração sobre uma Cultura de Paz* algumas referências:

Reconhecendo que a paz não é apenas a ausência de conflitos, mas que também requer um processo positivo, dinâmico e participativo em que se promova o diálogo e se solucionem os conflitos dentro de um espírito de entendimento e cooperação mútuos. (GUIMARÃES, 2006, p.51).

A cultura de paz para a UNESCO assume uma abrangência de atuação que envolve segmentos diversos da sociedade, sua constituição assim, depende de ações sociais, políticas, econômicas, culturais e pessoais.

A cultura de paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não violenta dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância e solidariedade, uma cultura que respeita todos os direitos individuais, que assegura e sustenta a liberdade de opinião e que se empenham em prevenir conflitos, resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não militares para a paz e para a segurança, como a exclusão, a pobreza extrema e a degradação ambiental. A cultura de paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis. (DINSKIN; NOLETO, 2008, p.11).

Viver em uma cultura de paz significa repudiar todo e qualquer tipo de violência, promovendo os princípios de tolerância, compreensão e justiça (MATOS; NASCIMENTO, 2006).

Jarés (2002) refletindo sobre a educação e a paz, afirma que historicamente o conceito de paz se associou distorcidamente a ausência de guerra, independentemente das questões



de justiça e opressão; nessa ótica, a paz pode ser entendida como **paz negativa**. A partir dessa ótica, a paz é estabelecida no centro do poder, concebida como dom ou concessão entre vencedor e vencido, e este último a recebe como forma de dominação, sangue e escravidão (GUIMARÃES, 2000).

Esse conceito associa paz a um período sem guerras e com ausência total de conflito, o que imediatamente denuncia sua inviabilidade, visto que as relações humanas por si só são conflituosas. Os autores indicam que esse conceito foi herdado pelo entendimento da *pax romana*, que era instituída após a chegada do império às cidades dominadas, a paz se estabelecia a partir de sua dominação. Para Jarés (2007), a paz assume uma nova ótica, precisa ser constituída como **antítese da violência**, relacionada diretamente à **justiça social**, ao desenvolvimento, em que o conflito é visto como natural e a busca pela sua resolução, retrata a construção da tolerância por meio do respeito à divergência, à diversidade.

Baseando-se nessa reflexão, podemos propor uma diferenciação entre os conceitos de paz e conflitos adotados historicamente:

**Tabela 2 — Conceito de Cultura de Paz**

Cultura tradicional (paz negativa)	Cultura de paz (Paz Positiva)
A paz define-se como ausência de guerras e de violência direta.	A paz define-se como ausência de todo tipo de violência (direta e estrutural) e como presença de justiça social e das condições necessárias para que exista.
A paz limita-se às relações nacionais e internacionais e sua manutenção depende unicamente dos estados.	A paz abrange todos os âmbitos da vida incluídos o pessoal e o interpessoal e é, portanto, responsabilidades de todos e de cada um de nós.
A paz é o fim, uma meta a que se tende e que nunca se alcança plenamente.	A paz é um processo contínuo e permanente.



O fim justifica os meios. É, portanto, justificável o uso da violência para alcançar e garantir a paz.	Ao considerar a paz como um processo contínuo e não como um fim, não é justificável o uso de meios que não sejam coerentes com o que se persegue. A violência não é, portanto, justificável em nenhum caso.
A paz é um ideal utópico e inalcançável, carente de significação própria e derivado de fatores externos a ela.	A paz converte-se num processo contínuo e acessível em que a cooperação, o mútuo entendimento e a confiança em todos os níveis assentam as bases das relações interpessoais e intergrupais.
O conflito é visto como algo negativo.	O conflito é independente das consequências derivadas de sua regularização. O negativo não é o conflito se não recorrer à violência para regulá-lo.
É preciso evitar os conflitos.	O conflito é necessário. É preciso manifestar os conflitos latentes e regulá-los, sem recorrer à violência.

**Fonte:** Diskin *apud* Velásquez (2008, p.41).

Para Guimarães (2006), o conceito de cultura de paz, possui raízes sociais, econômicas e políticas, no que a cultura nos fala das expressões humanas ou de um povo e está ligada ao aprender, ao educar. Se a cultura pode ser apreendida ou transmitida, subtende-se, nessa ótica, que é possível modificar uma cultura tida como violenta para uma cultura de paz por meio da educação.

Noletto e Diskin (2010, p.13), afirmam que a educação voltada para a cultura de paz inclui

a promoção da compreensão, da tolerância, da solidariedade e do respeito às identidades nacionais, raciais, religiosas, por gênero e geração, entre outras, enfatizando a importância da diversidade cultural.

Milani (2003, p.32) nos elucidando refletindo sobre o conceito de cultura e quando afirma que a paz para promover quaisquer mudanças em uma sociedade necessita ser o “princípio governante de todas as relações humanas e sociais.” Assim aponta o caráter sistêmico de seu conceito.

Matos e Nascimento (2006) nos lembram da necessidade de não impor a educação a responsabilidade única das transformações sociais, mas esclarecem que é inegável o poder de atuação na formação moral e intelectual das gerações. Voltando nosso olhar para o curso JAP, consideramos que um dos objetivos da formação das juventudes era promover uma mudança cultural dentro do Bom Jardim, compartilhando também da ideia de que a educação possui fator preponderante para mudanças efetivas de um contexto de violência e opressão.

A compreensão da educação como propulsora de mudanças sociais se assemelha ao pensamento pedagógico da escola nova, que nomeia a educação como ferramenta importante nas transformações sociais e culturais de um povo. No prefácio do livro *Cultura de paz: da reflexão a ação* de 2010, Irina Bokova, Diretora Geral da UNESCO, afirma que a promoção da cultura de paz trata de um novo humanismo, relacionado ao respeito às diferenças, a tolerância, ao diálogo cultural e inter-religioso.

Identificamos resquícios fortes da escola nova, como o internacionalismo, o otimismo pedagógico em educação, a crença no potencial humano de mudança das estruturas ou costumes violentos constituídos culturalmente.

A discussão enriquecedora aposta na educação, entretanto, sabemos que a instituição de uma mudança cultural requer tempo e, mais que isso, requer compreender que as relações humanas predominantes são produzidas a partir de modelos sociais, econômicos e políticos por vezes injustos e opressores. Travar uma luta contra a hegemonia que instala a injustiça requer esforços que vão além do papel da educação.

Entretanto, consideramos que uma educação comprometida com a paz necessita propor o esclarecimento quanto

à realidade adversa das injustiças, apresentando-se de forma crítica a seu tempo, levantando hipóteses e possibilidades em prol de favorecer possíveis transformações da realidade. (FREIRE, 1979). Sua concretização se viabiliza em semear a reflexão para questionamentos e possíveis modificações dos valores vigentes, favorecendo o acolhimento, a tolerância, o respeito, como princípios norteadores das relações, estimulando a criação de espaços onde os indivíduos se identifiquem com a questão da paz e busquem atuar como pacifistas.

A perspectiva formativa do JAP acentua o papel da educação na transformação social, recebendo influências da UNESCO, mas também do pensamento de Paulo Freire quando sintetiza a proposta constituída junto e para as juventudes, estabelecendo com elas um diálogo sobre seu cotidiano. Assim, identificam as violências e o contexto de opressão no qual por vezes se inserem como também estabelecem com elas a possibilidade do empoderamento, vislumbrando seu potencial transformador dentro da comunidade.

Essa influência freireana sintetiza o retrato pedagógico da educação para uma cultura de paz no Brasil e no mundo atualmente. A partir de Freire, segundo Rabbani (2006) e Jarrés (2002; 2007), a discussão sobre a paz se estabelece para além das guerras, no sentido de que o autor coloca a importância da superação da injustiça e da violência para a viabilização do que chama “ser mais”, sendo vocação dos homens a sua humanização (FREIRE, 2005).

Denunciando o que podemos chamar de violência estrutural, Freire afirma que a ordem injusta que promove a violência, estabelece a desumanização dos homens, em que os interessados nessa desumanização, os opressores, compreendem a paz social como a “paz privada dos dominadores” (FREIRE,

2005, p.76). Nesse contexto a superação da opressão, da injustiça, seria possível por meio da “conscientização” conduzida através da educação problematizadora, fazendo que o opressor e especialmente oprimido, desvelassem as injustiças presentes em seu cotidiano e promovessem sua libertação.

O pensamento freireano modifica a pesquisa para a paz nas décadas de 1970 e 1980, lançando novo desafio pedagógico. Em 1986, Freire foi agraciado com o prêmio da UNESCO Educação Para a Paz, e, em seu discurso, afirmou:

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas. (GADOTTI, 1996, p.86).

Segundo Rodrigues (2010), a proposta do CEJUPAZ — que subsidia as ações do JAP — compreende a educação para a paz a partir de enfoque libertador e sociocrítico, que se propõe nos conceitos de paz positiva e na perspectiva criativa de conflito, de forma ampla e global da paz, com aspectos políticos, sociais e econômicos, questionando as estruturas sociais e se apresentando como proposta direcionada para transformação das estruturas tidas como violentas, na sociedade e no sistema educativo. Essa visão é idêntica à definição proposta por Jarés (2002) para uma proposta sociocrítica de educação para a paz onde identificamos as influências de Freire.

Dos aspectos principais que fundamentam a proposta do CEJUPAZ, para o trabalho com a paz encontra-se a cultura de paz, a educação para a paz, o protagonismo juvenil, a cons-



cientização para a transformação e a formação na ação e esses últimos, essencialmente influenciados pela proposta freireana no que mais uma vez recorremos a Jarés quando afirma que a educação para a paz necessita essencialmente ser forjada “a partir de e para a ação.” (JARÉS, 2007, p.45).

O curso JAP, como já citado, se vincula à paz positiva, mas especialmente aos direitos humanos, a justiça social, no sentido de que a formação visou capacitar os jovens para que identifiquem as violências e atuem em favor de diminuí-las, por meio dos projetos que almejam executar, no cotidiano e na escola. Recorrendo aos saberes dos jovens sobre a paz, por meio dos grupos focais que realizamos, encontramos um conceito polissêmico.

*A paz é viver em harmonia sem briga e confusão, é estar com os amigos, fazer caminhada pela paz. Posso dar um exemplo, lá no Iraque, lá não tem paz espiritual e harmonia com o pessoal por que ta tendo guerra, tendo morte e outros países não está pensando em ajudar e isso é errado. A paz é a união de todas as nações e a compreensão do que estão fazendo de errado ou certo se você está errando quem sou eu para criticar e agir pelas costas. (Semente de Carinho — Escola Lírio).*

*Paz é não ter guerra, não ter conflito, é quando as pessoas querem viver em paz e harmonia com as outras pessoas, quando não tem conflito, guerras ou brigas, paz é respeita a outra pessoa. (Semente da vida — Escola Lírio).*

*A paz significa a união de todas as raças e a compreensão de todos os seres vivos. (Semente da esperança, (2) — Escola Lírio).*

*A paz é esse entorno que não existe violência, guerra, que as pessoas se transmitem respeito amando umas as outras [...] Nós temos a esperança de que um dia vivemos em paz tem pessoas que morrem e não tem uma*

*situação de paz [...] a paz todos querem, mas nem todos buscam.* (Semente da Esperança (1) — Escola Acácia).

*Onde não tem guerras nem preconceito sem discussão por que tem mais dinheiro ou é mais bonito* (Semente do diálogo — Escola Acácia).

*Quando não tem guerras ou conflito.* (Semente de amor — Escola Lírio).

Para os jovens, o conceito de paz se refere a uma conquista pessoal, ligada a harmonia interior e a ausência de desentendimentos, ou mesmo a ausência de guerra. Nascimento e Matos (2008) esclarecem da necessidade de desnaturalização do conceito de paz, comumente associada à tranquilidade ou falta de conflito.

Segundo Guimarães (2000), a problemática da paz tem-se tornado uma das noções mais incorporadas atualmente nas escolas, na mídia, o que ocasiona uma pluralidade de sentidos em torno de seu conceito, mas no ocidente, a paz é comumente associada à harmonia, à concórdia, sossego ou tranquilidade, ou mesmo um estado de não beligerância. (AURÉLIO, 2008). Para outros jovens, a paz se refere à convivência, no sentido de respeito à diversidade e à importância do diálogo.

*A paz para mim é ter harmonia com a família, com as pessoas, é ter amor, carinho.* (Semente de carinho — Escola Lírio).

*A paz é viver em união* (Semente do conflito positivo — Escola Acácia).

*A paz é não ter preconceito se você tem um amigo gay ou hetero.* (Semente da amizade — Escola Acácia).

*É união, respeito, é ouvir a opinião do outro. Os conflitos são causados por que as pessoas não sabem lidar*



*com as diferenças. (Semente da esperança, (3) — Escola Chanana).*

*A paz é um estado de espírito [...] cada pessoa tem seu modo de escolher, cada pessoa tem seu entendimento... (Semente do Bom Conselho — Escola Lírio).*

Boff (2008) nos oferece a definição de paz como equilíbrio do movimento, em que o universo é entendido como um conjunto dinâmico e interligado, imbuído de múltiplas relações. A paz seria o ponto de equilíbrio, justa medida capaz de se utilizar de potencialidades naturais, sociais e pessoais de forma harmônica, em que a sabedoria consiste em somar esses fatores de equilíbrio em favorecimento a expansão da vida na terra.

Weill (1990), nos fala da paz relacionada ao espírito do homem, entendida a partir de uma visão holística das relações, a necessidade não só de uma modificação estrutural ou social, mas também da reconstituição individual dos sujeitos, onde se estabeleça a harmonia do homem, ou seja, a questão do respeito ao outro, ao diferente é essencial. Nessa concepção, a superação das mazelas sociais é preponderante para a viabilidade do estado pacífico, entretanto, as condições individuais de cada ser e a forma como esse estado repercute no cotidiano, configuram padrões importantes de influência social, nesse aspecto se avalia as potencialidades de cada um na constituição coletiva que compõe o todo.

Em nosso percurso de pesquisa com a paz, refletindo junto aos jovens, observamos a necessidade que possuíam de superar o entendimento do conceito de paz para além da noção de tranquilidade ou falta de conflito, contudo, discutir a questão da viabilidade da paz exige de nós um olhar crítico, mas também holístico. A noção de paz de alguns jovens não

se mostrou de todo descontraída da proposta do JAP, especialmente quando relacionam paz e tolerância, mas ainda há dificuldades por parte deles em visualizar o esclarecimento de situações tidas violentas ou a superação da injustiça para concretização de uma cultura de paz.

A paz é um conceito complexo e sua viabilidade se dá por meio do estabelecimento da justiça, do respeito mútuo e também da tolerância. Se propusermos a paz social como empreitada primordial para a mudança que vislumbramos, necessitamos repensar a paz individual que perpassa também esse processo de amadurecimento da condição humana e suas relações. Somos parte de uma coletividade, importantes em cada ato e, para conseguirmos estabelecer relações tidas humanizadas, no sentido da afetividade, do respeito, precisamos desenvolver um projeto de paz interior ou pessoal.

Em um grupo focal, perguntamos aos jovens a partir desse entendimento de paz sem conflitos, se eles compreendiam que essa paz era viável em seu cotidiano. A maioria afirmou que sim, que era preciso crer na mudança, que era necessário se colocar no lugar do outro e cada um fazendo sua parte chegariam ao objetivo. De fato, a alteridade é ponto crucial para a concretização da paz, contudo permanece de forma predominante a visão negativa do conflito. Ao final, os jovens afirmaram que era necessário ter esperança.

Ao buscarmos, por meio da ótica das juventudes, seus saberes sobre a paz, encontramos em suas falas a associação do conceito à conquista individual, relacionada à tranquilidade, a tolerância e ao respeito. Esse conceito explanado pelos jovens, relacionado à paz interior se dissocia da formação pela qual participaram no curso JAP. Entretanto, apesar desse aspecto, as noções de paz foram adotadas em seu cotidiano,

tanto que os jovens afirmam o impacto desses saberes em sua postura e história de vida desde então.

Os desafios no trabalho com a paz coexistem com a esperança. Trata-se, portanto, de um compromisso em educar para o esclarecimento das realidades injustas, por meio de uma visão humanista e sociocrítica de educação e estamos convencidos da importância de sua abordagem e inserção no ambiente escolar. Os frutos das sementes do JAP se encontram nos sorrisos das juventudes, nos traços que animam a vontade de mudança, assim esperamos que possam render em força positiva e modificadora ao Jardim Bom de tantos sonhos e flores.

### Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina. SPÓSITO, Marília Pontes. (Orgs.). Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5. 1997, p.25-36.

DISKIN, Lia. *Vamos ubuntar? um convite para cultivar a paz*. São Paulo: Ed. Palas Athenas, 2008.

\_\_\_\_\_. NOLETO. *Cultura de paz, da ação a reflexão*. São Paulo: Ed. Palas Athenas, 2008.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Repensando a Noção de Paz. In: GUIMARAES, Marcelo Resende. *Aprender a educar para a paz*. Goiás: Ed. Rede da Paz, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 2005.

\_\_\_\_\_. A educação e processo de mudança social. In: *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979. p.27-32.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança — um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2008.

JARÉS, Xésus R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2. ed. Porto Alegre: Ed Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2007.

\_\_\_\_\_. Educar para a paz e para cidadania democrática. *Revista Pátio*, ano VI. Porto Alegre, maio/jul., 2006.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude e escola: desvendando teias de significados entre encontros e desencontros*. Tese (Doutorado). Fortaleza, 2001.

\_\_\_\_\_. *Juventude, professores e escola: possibilidades de encontro*. Rio Grande do Sul: UNIJUI, 2003.

\_\_\_\_\_. Juventudes e cultura de paz: diálogos de esperança. *Revista Linguagem, Educação e Sociedade*, Teresina, ano 12, 2007, p.65-70.

MILANI, Feizi Masrour. Cultura de paz x violência: papel e desafios da escola. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Orgs.). *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003. p.369-386.

NASCIMENTO, Verônica S, MATOS, Kelma Socorro Lopes de; Construindo Uma Cultura de Paz: O Projeto Paz na Escola em Fortaleza. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação ambiental e movimentos sociais ações com sensibilidade*. [s.l.]: Ed UFC, 2006. p.26-35.

RABBANI, Martha Jalali. Educação para a paz: desenvolvimento histórico, objetivos e Metodologia. In: MILANI, Feizi Masrouf; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Orgs.). *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003, p.63-95.

RODRIGUEZ, Gustavo Covarrubias. *Galera jovem construindo a paz*. Maranhão: Centro da Juventude Para a Paz-CEJUPAZ. 2010.

WEILL, Pierre. *A arte de viver em paz*. Por uma nova consciência e educação. Paris: Unesco, 1990.

UNESCO. Manifesto 2000. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, 2000. p.115-117.